

HOMOSSEXUALIDADE: DA REPRESSÃO À CELEBRAÇÃO

*Valdeci Santos**

RESUMO

Homossexualidade é uma questão extremamente polêmica na sociedade contemporânea e um dos principais assuntos a dividir a opinião cristã. Nos últimos anos, indivíduos, instituições, corporações e especialmente igrejas são julgadas por suas crenças sobre a homossexualidade. Todavia, nem sempre foi assim. Como tudo mudou? A resposta a essa pergunta exige um estudo diacrônico dos últimos acontecimentos na sociedade e na igreja, bem como algumas considerações preliminares sobre a revolução moral presente. Atender a essa necessidade é a proposta deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE

Homossexualidade; Mudança e revolução moral; Teologia gay; Religiosidade; Cristianismo e cultura; Verdade e compaixão.

INTRODUÇÃO

Em mais uma de suas crônicas geniais, Luiz Fernando Veríssimo descreve o diálogo fictício e confuso entre um filho e sua mãe sobre a versão contemporânea do casamento. A alegria da mãe diante do anúncio de que o filho pretendia se casar é logo substituída pela surpresa com o nome da “noiva”, ou seja, Murilo. Tentando não parecer retrógrada nem preconceituosa, a mãe ainda recebe a notícia de que sua filha também está namorando, mas nesse caso, com uma jovem chamada Veruska. Os elementos complicadores aumentam

* Obteve os graus de mestrado (Th.M.) em Teologia Sistemática e doutorado (Ph.D.) em Estudos Interculturais no Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi. É ministro presbiteriano, pastor da Igreja Cristã Reformada do Campo Belo (São Paulo), vice-diretor e professor de teologia pastoral e sistemática no CPAJ e coordenador do programa de Doutorado em Ministério (D.Min.) do CPAJ/Reformed Theological Seminary.

quando a mãe toma conhecimento de que ambos os casais já haviam combinado um esquema amigável para ter filhos. Em determinado momento, eles compartilhariam espermatozoides e óvulos e uma das “garotas” contribuiria com a barriga de aluguel. Diante da confusão toda, a mãe perde a paciência e afirma que tudo não passa de um projeto de swing moderno com a agravante do relacionamento incestuoso, pois afinal seu filho planejava gerar uma criança com a ajuda da própria irmã. A conclusão é que a tradicional árvore genealógica daqui para a frente já foi cortada!¹

A crônica de Veríssimo é apenas uma brincadeira, mas sua mensagem é realmente séria. O fato é que as mudanças sociais trazem consequências imprevisíveis, bem como ramificações mais complexas do que aparentam. Isso é claramente abordado na obra *O Dossel Sagrado*, do sociólogo Peter Berger, que defende que o construto social (o homem constrói a sociedade e a sociedade constrói o homem) necessita de valores-pilares que mantenham a estrutura da realidade construída. Uma vez removidos esses valores, a sociedade experimenta o que ele chama de desencantamento, cujos resultados são imprevisíveis.²

Inquestionavelmente, as últimas décadas do século 20 e as primeiras do século 21 testemunharam uma série de mudanças sociais de proporções globais cujos resultados são desconhecidos. As contribuições tecnológicas, industriais e políticas são notórias no processo de globalização, mediante o qual o estreitamento de tempo e do espaço produz a realidade da aldeia global.³ No entanto, uma das transições sociais mais marcantes neste contexto diz respeito à revolução sexual, especialmente as mudanças da perspectiva social acerca da homossexualidade. De alvo de preconceitos e repressões, a homossexualidade passou a ser vista como uma mera opção individual que deve ser normalmente aceita, respeitada e, em alguns casos, até mesmo celebrada. Levando avante o lema “o mundo é gay”, os ativistas homossexuais e integrantes de movimentos GLBT (iniciais de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais) obtiveram conquistas notáveis em vários segmentos da sociedade. Basta observar os eventos ao redor para perceber que “nossa cultura está inundada – tanto em publicações como em vídeos – com a ideia de que a homossexualidade é uma expressão amorosa normal, própria e saudável entre duas pessoas”.⁴ As conquistas obtidas pelos militantes da homossexualidade justificam a opinião do escritor Rubem

¹ VERÍSSIMO, Luiz Fernando. Fim da árvore genealógica. Disponível em: http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=42610. Acesso em: 27 maio 2005.

² BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

³ WATERS, Malcom. *Globalização*. Oeiras, Portugal: Celta, 1995, p. 3, 35.

⁴ WHITE, James; NIELL, Jeffrey. *The Same Sex Controversy*. Grand Rapids: Bethany House, 2002, p. 9.

Amorese: “Paradoxalmente, restou, em nossa sociedade, um dogma intocável e indiscutível: aquele que afirma que o homossexualismo é belo e saudável”.⁵

Em um estudo sobre esse assunto Albert Mohler lembra que “nossa cultura tem sido bombardeada com imagens designadas a retratar o homossexualismo como um estilo de vida normal. Os temas homoeróticos se encontram infiltrados na mídia de tal forma que os cidadãos perderam a capacidade de se chocar com isso”.⁶ Nesse contexto, qualquer pessoa que se oponha ou rejeite o comportamento homossexual é taxada de homofóbica, preconceituosa ou tacanha. Porém, como essa mudança social não ocorreu instantaneamente, é necessário considerar alguns aspectos da trajetória desse processo.

Em virtude de tudo isso, este estudo possui uma natureza exploratória diacrônica com o objetivo de analisar alguns aspectos históricos das mudanças culturais e religiosas em relação à homossexualidade. Ao final, serão feitas algumas considerações teológicas e práticas para a igreja cristã contemporânea.

1. A LEGITIMAÇÃO SOCIAL

Nos estudos acadêmicos, qualquer explicação para a mudança fenomenológica em relação à percepção social da homossexualidade deve levar em consideração a “revolução sexual” dos anos 60, especialmente as contribuições do pesquisador americano Alfred C. Kinsey (1894-1956), cujo trabalho foi consagrado até por produções de Hollywood.⁷ Por vários anos Kinsey aplicou seus conhecimentos em zoologia ao estudo do comportamento sexual humano. A partir da classificação e estudos sobre vespas ele estabeleceu um laboratório humano no qual passou a investigar as preferências e práticas sexuais dos participantes. Os resultados de seus estudos foram publicados na famosa obra *Sexual Behavior in the Human Male* (O comportamento sexual masculino, 1948), posteriormente seguida por *Sexual Behavior in the Human Female* (O comportamento sexual feminino, 1953). Posteriormente seus esforços resultaram no estabelecimento do Instituto Kinsey, na Universidade de Indiana.⁸

As conclusões do pesquisador americano foram de que a “pansexualidade”, ou seja, a perspectiva de que nenhuma expressão sexual é anormal, deve vigorar como a norma do comportamento sexual humano.⁹ Ao que tudo indica,

⁵ Apud NAVES, Ana Paula; FERNANDES, Carlos; STEFANO, Marcos. O arco-íris e a cruz. *Eclésia* 68 (2001), p. 36.

⁶ MOHLER, Albert. *Homosexuality and the Bible*. Louisville, KY: The Southern Baptist Theological Seminary, s.d., p. 6.

⁷ Filme no estilo drama biográfico sob o título “Kinsey: Vamos Falar de Sexo”.

⁸ Cf. The Kinsey Institute for Research in Sex, Gender and Reproduction, mais conhecido como The Kinsey Institute. Site disponível em: [www.http://www.indiana.edu/~kinsey](http://www.indiana.edu/~kinsey). Acesso em: 20 out. 2015.

⁹ GATHORNE-HARDY, Jonathan. *Sex, the Measure of All Things: A life of Alfred Kinsey*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2000.

porém, as pesquisas de Kinsey não foram guiadas pela necessária objetividade científica, pois seu comportamento homossexual, bem como sua determinação em liberar a concepção sexual das restrições religiosas de sua época, parecem ter influenciado suas pesquisas e conclusões.¹⁰ Há que se admitir, porém, que o esforço do pesquisador americano contribuiu para a destruição do conceito de “sexo normal” na sociedade, pois “antes de Kinsey, as pessoas chamavam o amor sexual de ‘o ato conjugal’. Depois de Kinsey, os limites para a expressão sexual foram perdidos”.¹¹

Ao considerar, recentemente, as implicações sociais das publicações de Kinsey, um sociólogo americano afirmou que “o ideal de uma família nuclear morreu durante as décadas de 1960 e 1970”.¹² Peter Jones, outro estudioso do assunto, ainda comenta que “em anos recentes, a promoção da homossexualidade e da bissexualidade – que agora são protegidas e até mesmo promovidas pelo Estado – vem destruindo a heterossexualidade normal”.¹³ O fato é que atualmente não apenas os livros acadêmicos, mas jornais e revistas de circulação sistemática e popular defendem e noticiam a aceitação cada vez mais crescente do comportamento homossexual na sociedade.

Se no campo intelectual e acadêmico os estudos de Kinsey foram determinantes para a popularização da homossexualidade, os ativistas sociais lançaram mão de outros canais de massificação. No Brasil, a influência da mídia televisiva, das manifestações populares, das pressões econômicas e, por fim, das atuações nos círculos políticos parecem ter sido decisivas para converter a resistência em tolerância, a restrição em celebração.

Com relação à mídia televisiva é significativo considerar que em 1998, a novela *Torre de Babel* incluiu na trama o romance lésbico de Rafaela e Leila. No entanto, protestos de telespectadores foram tão acentuados que Sílvio de Abreu, o autor do enredo, precisou incluir uma cena de explosão em um centro de compras causando assim a morte de uma das personagens antes mesmo da novela atingir metade de seus capítulos. Porém, em 2003, a novela *Mulheres Apaixonadas* também retratou um casal lésbico que contou com a aceitação do público, desde que não tivesse nenhuma cena de beijo entre elas. Porém, a mudança maior ocorreu em 2005, quando houve reclamação por parte do público e considerável polêmica pelo fato de a novela *América* não ter divulgado o beijo homossexual envolvendo Júnior e Zeca. Finalmente em 2011, a telenovela *Amor & Revolução*, transmitida pelo SBT, expôs na tela o beijo na

¹⁰ REISMAN, Judith A. *Kinsey: Crimes and consequences*. Crestwood, KY: The Institute for Media Education, 1998, p. 226, 245-246.

¹¹ JONES, Peter. *O deus do sexo: como a espiritualidade define a sua sexualidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 18.

¹² POPENOE, P. *Life Without Fathers*. New York: The Free Press, 1996, p. 135.

¹³ JONES, *O deus do sexo*, p. 23.

boca das lésbicas Marcela e Marina, e tudo isso em horário nobre da televisão brasileira.¹⁴ Como a opinião social mudou tão rapidamente em apenas sete anos? O que ocorreu para que a reprovação fosse substituída tão prontamente pela aceitação?

A resposta a esta pergunta exige uma reflexão de como a temática homossexual tem sido explorada pela mídia televisiva. Nesse sentido, o observador deve distinguir desde a presença de homossexuais como jurados de programas de auditório até as aparições jocosas nos programas humorísticos, os personagens caricaturados e os romances dramatizados nas telenovelas. Como relação aos programas humorísticos, devem ser lembradas as aparições de Chacrinha vestido de bailarina em sua *Discoteca*, assim como os tiques femininos de Zacarias de *Os Trapalhões*, o personagem Capitão Gay, de Jô Soares, que se tornou popular na década de 1980 e o Painho, representado por Chico Anísio em *Chico City*. O objetivo desses programas poderia ser apenas extrair risos do público, mas ao mesmo tempo preparava o caminho para outras interações com representantes do universo homossexual. Com relação às caricaturas homossexuais encontradas nas telenovelas e seriados, também não se dava a devida atenção, mas o fato foi que elas geravam familiaridade entre os telespectadores e o universo homossexual. Naqueles programas, os homossexuais foram retratados de diversas maneiras, recebendo caricaturas de violentos em *Rebu*, ou apenas de efeminados divertidos nas novelas *Dancin' Days*, *Bebê a Bordo*, *Pacto de Sangue*, *Tieta*, etc.¹⁵ A mensagem em cada uma daquelas participações era que o homossexual, no geral, é alguém sempre divertido, leal a suas amizades, mas extremamente passional.

Nos últimos anos, porém, as novelas parecem mais interessadas em retratar os casos de romances homoafetivos. Taynara Magarotto observa que “a TV brasileira resolveu abordar a temática homossexual com mais força”.¹⁶ Esses dramas têm se revelado eficientes em despertar a simpatia dos telespectadores para com as lutas e dificuldades dos homossexuais. Há vários estudos retratando o trabalho sistemático e persistente de diferentes emissoras nesse sentido, mas as novelas “globais” merecem destaque, pois estudos revelam que essas programações acabam tendo influência maior sobre a família brasileira.¹⁷ Nesse sentido, as novelas *Da Cor do Pecado*, *Senhora do Destino* e *Páginas*

¹⁴ MAGAROTTO, Taynara. Gays em novelas: Censura ao público imaturo para discussão? Disponível em: <http://www.jornaldopovoparana.com/2011/07/gays-em-novelas-censura-ou-publico.html>. Acesso em: 21 jul. 2011.

¹⁵ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2004, p. 586.

¹⁶ MAGAROTTO, Gays em novelas.

¹⁷ CHONG, Alberto; FERRARA, Eliana. *Television and Divorce: Evidence from Brazilian Novelas*. Washington: Inter-American Development Bank, 2009.

da Vida, por exemplo, retrataram casais homossexuais livres de estereótipos que ansiavam pelo reconhecimento social de seus relacionamentos, inclusive a possibilidade de se casar e criar filhos. Em sua análise sobre o homoerotismo nas novelas e na cultura, o doutor em comunicação e cultura Leandro Colling ressalta a característica marcante desses personagens homossexuais, ou seja, “o fato de todos serem bonitos, bem-sucedidos financeiramente e, na maioria das vezes, sabem se vestir muito bem e apreciam a arte”.¹⁸ Dessa forma, a apresentação do padrão homossexual nas novelas atuais recebe um destaque mais positivo do que nas programações antigas. Esses teledramas tanto refletem a aceitação social do comportamento como acabam por influenciar o estilo de vida em diferentes segmentos da sociedade, principalmente os adolescentes e jovens.

Além das novelas e programas humorísticos, o processo de aceitação social da homossexualidade contou ainda com a contribuição dos seriados americanos apresentados na mídia televisiva brasileira.¹⁹ A popularidade de programas como *The L World* (O Mundo L) retratando o relacionamento lésbico, *Queer as Folk* (Os Assumidos), descrevendo o cotidiano homossexual, *Modern Family* (Família Moderna), focalizando as novidades no relacionamento familiar contemporâneo, e outras minisséries, acabaram estabelecendo familiaridade do público com uma seleção de aspectos do cotidiano homossexual. Mais uma vez o resultado foi positivo em prol da normalização e aceitação social da homossexualidade como estilo de vida.

Também, qualquer análise da crescente tolerância social brasileira à homossexualidade seria incompleta sem a consideração do impacto das passeatas do Orgulho Gay (popularmente chamadas Passeatas ou Paradas Gays). Em um artigo sobre as conquistas do movimento homossexual, Camila Antunes registra que “em 1997, a primeira passeata reuniu apenas 2000 gatos pingados”.²⁰ O que ela não podia prever na ocasião é que a 15ª edição da Parada Gay em 2011, na cidade de São Paulo, agrupou o número recorde de mais de 4 milhões de pessoas. Esse evento foi considerado a maior concentração do gênero em todo o mundo. As paradas geralmente acontecem na Avenida Paulista, o maior centro econômico da América Latina, e conseguem atrair pessoas de outros estados brasileiros, bem como de diferentes países. O objetivo principal dessas

¹⁸ COLLING, Leandro. Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a cultura. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, de 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, p. 16.

¹⁹ REIS, Ramon Pereira dos; CANCELA, Cristina Donza. Conjugalidades homossexuais na mídia televisiva: o discurso midiático pautando as relações homoconjugais expostas no seriado *Queer as Folk*. Trabalho apresentado no II Seminário Sociologia & Política, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 15-17 de setembro de 2010.

²⁰ ANTUNES, Camila. A força do arco-íris. *Veja*, 25 de setembro de 2003, p. 74.

parades é celebrar o estilo de vida homossexual como algo desejável, digno do orgulho de seus participantes e, por que não dizer, até mesmo superior aos demais, pois quem já ouviu falar de uma “parade do orgulho heterossexual”?

As “parades” têm revelado imenso potencial não só para celebrar as conquistas homossexuais, como também para gerar polêmicas e servir de impressionante fonte de lucro para o empresariado local. Por exemplo, a 15ª edição da Parada do Orgulho Gay foi altamente polêmica ao adotar o tema “Amai-vos uns aos outros”, uma expressão bíblica aplicada a um contexto totalmente diferente do relacionamento homossexual. Além do mais, os organizadores ainda incentivaram a exposição de fotos erotizadas de modelos masculinos caracterizadas de santos representantes do cristianismo. Mais recentemente, o ápice da polêmica foi atingido com a “crucificação” de uma atriz transexual durante a 19ª Parada Gay, encenando o sofrimento de Jesus para representar as agressões sofridas pelos homossexuais. O estranho é que para um grupo que geralmente defende o inclusivismo e cujo discurso é marcado pelo clamor pela tolerância, a atitude dos ativistas homossexuais foi, no mínimo, ofensiva e desrespeitosa em relação àqueles cujos valores morais e crenças são diferentes.

Deve se considerar ainda que, como fonte lucrativa, “tamanho é a força das parades que elas passaram a atrair políticos e artistas, todos de olho no poder eleitoral e de consumo da comunidade gay, estimada em cerca de 10% da população mundial segundo a maior parte dos estudos demográficos”.²¹ Por essa razão, o comércio foi ágil em explorar o fato de que, devido à ausência de despesas com filhos, por exemplo, o segmento homossexual da sociedade possui melhores condições de investir em lazer, instrução, moda e outros serviços mais caros e de melhor qualidade. Logo, as “parades” se tornaram um grande negócio e uma boa oportunidade para autoexposição do comércio local. No geral, o faturamento comercial com o universo homossexual é tão significativo que ele também se estende a outros estabelecimentos sem conexão direta com o movimento. Segundo Camila, “no shopping center, na academia de ginástica, no bar, no restaurante, na fila do cinema, na galeria de arte, na livraria, na danceteria, os gays parecem estar em toda parte”.²² Certamente as manifestações populares e as investidas econômicas contribuíram para maior aceitação do comportamento homossexual na sociedade brasileira.

Finalmente, o processo de normalização social da homossexualidade se utilizou também dos caminhos da política nacional. Aliás, Douglas Borges e Wilson H. Silva remontam a origem do movimento homossexual à atuação dos militantes políticos criadores da Facção Homossexual da Convergência Socialista, que foi aliada ao Partido dos Trabalhadores (PT) e posteriormente

²¹ Ibid.

²² Ibid.

ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Borges e Silva lamentam que o movimento atual tenha se distanciado das agremiações políticas e se vinculado a organizações não governamentais.²³ Porém, esse distanciamento não significa que os ativistas homossexuais abandonaram os círculos políticos. A estratégia de atuação atual dos defensores da homossexualidade apenas revela que eles optaram pela liberdade de ação sem o comprometimento com uma única ideologia partidária. Nesse sentido, a versão contemporânea dos militantes homossexuais se organizou em pequenos grupos e atingiu a estrutura de uma organização nacional. Por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB), por meio das participações de seu presidente Luiz Mott, certamente tem sido a entidade mais influente em prol da popularização das reivindicações homossexuais no Brasil. Mas a militância homossexual somente obteve força nacional por meio da Associação Brasileira de Gays, Bissexuais, Lésbicas e Travestis (ABGLT), uma rede nacional de 308 organizações afiliadas (até o presente).²⁴

A descrição dos objetivos dessas organizações revela uma agenda comprometida não apenas com reivindicações dos direitos homossexuais, mas inclui também a propagação de sua ideologia. Nesse sentido, Peter Jones parece acertar quando sugere que a meta do movimento homossexual não é tanto a inclusão na sociedade, mas a redefinição profunda da sociedade.²⁵ O cronograma estabelecido por essas associações em relação à homossexualidade é tão audacioso que não seria exagero inferir que ele inclui sua aceitação pública, seu reconhecimento legal, sua normalização social e a percepção cultural de sua necessidade.

As conquistas políticas dos homossexuais no Brasil continuam em processo acelerado nos últimos anos. Em 2003, Camila Antunes ressaltava que mesmo a legislação brasileira não sendo das mais “avançadas”, os homossexuais podiam se alegrar com algumas vitórias obtidas. Naquela ocasião ela fazia referência ao direito de pensão a viúvos e viúvas de homossexuais, bem como a concessão da guarda de crianças a casais homossexuais.²⁶ Atualmente, o quadro de privilégios legais dos homossexuais é bem mais significativo. Por exemplo, a despeito de o Código Civil afirmar que a família consiste tão somente da união de “homem” e “mulher”, o Supremo Tribunal Federal decidiu reconhecer legalmente a união civil homoafetiva em 2011. A partir dessa decisão o casal homossexual pode pedir o reconhecimento da união civil em cartório, ou juridicamente comprovar a união estável a fim de usufruir dos direitos comuns a

²³ BORGES, Douglas; SILVA, Wilson H. Apresentação. In: OKITA, Hiro. *Homossexualidade: da opressão à libertação*. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 7-13.

²⁴ Disponível em: <http://www.abglt.org.br/port/index.php>. Acesso em: 27 out. 2015.

²⁵ JONES, *O deus do sexo*, p. 50.

²⁶ ANTUNES, A força do arco-íris, p. 78.

casais heterossexuais, contando, inclusive, com o direito à adoção de crianças. Por semelhante modo, o Ministério da Educação promoveu, em 2006, diversos cursos para professores do ensino fundamental destinados a disseminar que “ser gay é ok”. Dessa maneira, a divulgação da agenda homossexual passava a ter o selo da aprovação e a contribuição do Estado. O problema é que o Estado opera a partir da contribuição e impostos de todos os segmentos sociais, inclusive aqueles que discordam da superproteção aos homossexuais.

A maior polêmica em relação aos avanços políticos obtidos pelos homossexuais na sociedade brasileira ainda é o Projeto de Lei 5003/2001, que mais tarde veio se tornar o Projeto de Lei da Câmara 122/2006, popularmente conhecido como PL 122. Produzido a partir das contribuições da ABGLT e de autoria da deputada Iara Bernardi, o PL 122 objetiva proteger os homossexuais contra manifestações violentas e criminosas, bem como resguardar os seus direitos de cidadania. Dessa forma, o projeto parece merecedor da compreensão e respeito de todos. Porém, por meio de uma manobra desastrosa o projeto incorpora e altera a redação da lei brasileira antidiscriminação (Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989). Dessa forma, o PL 122 torna crime qualquer discriminação por “orientação sexual” e “identidade de gênero”, equiparando essa atitude à discriminação de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo e gênero, ficando o autor do crime sujeito a pena, reclusão e multa.²⁷ A associação entre o PL 122 e a lei antidiscriminação é o que causa o maior desastre, pois com isso o projeto acaba concedendo à homossexualidade o status de raça, estabelecendo uma nova etnia (a etnia homossexual). Em sua atual redação, o PL 122, que representa um esforço daqueles que lutam contra a discriminação, passa a incriminar todos que discordarem da homossexualidade tornando-os homofóbicos e passíveis de dois a cinco anos de reclusão. O irônico é observar que outros estatutos legais de proteção a minorias (idosos, crianças, indígenas, deficientes, etc.) não concedem semelhantes privilégios aos seus protegidos. Por essa razão, o PL 122 tem sido popularmente criticado como um “projeto heterofóbico” e um documento que busca não somente a igualdade de direitos, mas o estabelecimento de direitos exclusivos para os homossexuais, ou seja, direitos que nenhum outro cidadão brasileiro possui. Caso aprovado com a redação presente, o PL 122 tornaria os homossexuais a minoria mais “superprotegida” em solo brasileiro. Qualquer observador do cenário de debates em relação ao PL 122 não pode deixar de questionar algumas motivações políticas em prol de sua aprovação, pois os homossexuais no Brasil representam não apenas lucro para o comércio, mas também votos!

Os efeitos imediatos dos esforços em prol da aceitação social da homossexualidade no Brasil podem ser vistos a partir do artigo de Silvia Rogar e

²⁷ Informações disponíveis em: <http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/pl-122-lei-homofobia/#axzz1T8krYIXx>. Acesso em: 25 jul. 2011.

Marcelo Bortoloti sobre os adolescentes, ou seja, “a geração tolerância”. De acordo com os articulistas, para os adolescentes “a homossexualidade está longe de ter a conotação negativa de tantos outros períodos da história”.²⁸ O fato é que os jovens se arriscam a optar por um comportamento homossexual cada vez mais precocemente. O pastor luterano Emil A. Sobottka corretamente lembra que os movimentos homossexuais

tentam envolver gradativamente as pessoas ao seu redor. Nem sempre têm o objetivo claro de fazer as pessoas aderirem ativamente a uma nova forma de hábitos sexuais, mas pretendem mudar o saber cotidiano de sua sociedade sobre a sexualidade. E para isso atuam nos diversos meios que alimentam o saber das pessoas: nos fóruns políticos e acadêmicos, nas várias áreas de expressão cultural, nos veículos influentes da opinião pública.²⁹

Como resultado dessa atuação, o que antes era rejeitado na sociedade brasileira é hoje celebrado por muitos.

2. CONFUSÃO RELIGIOSA

No Ocidente, uma das instituições que ainda se mostram relutantes em reconhecer a legitimidade do comportamento homossexual é a igreja cristã. Por acreditarem que o homossexualismo é incompatível com o ensinamento das Escrituras, católicos e evangélicos geralmente se recusam a aprovar essa opção sexual. Contudo, já não se pode mais afirmar que os cristãos são unânimes a esse respeito. Os últimos anos têm sido marcados por intensos esforços em prol da desconstrução da interpretação cristã tradicional dos textos bíblicos que condenam a prática homossexual, bem como do estabelecimento de novas formulações teológicas que sancionam esse comportamento. Consequentemente, o cenário religioso ocidental se encontra marcado por movimentos de reacomodação das crenças e posicionamentos cristãos históricos, bem como pelo surgimento de diferentes igrejas inclusivas voltadas para o público homossexual e seus simpatizantes. Essas comunidades geralmente celebram a homossexualidade como dom divino e não veem qualquer contradição entre a prática homossexual e a fé cristã.³⁰

Uma breve análise temática da atitude cristã em relação ao homossexualismo ao longo da história pode ser categorizada em três subtópicos principais: aversão, omissão e compaixão. Não seria correto identificar cada

²⁸ ROGAR, Silvia; BORTOLOTTI, Marcelo. A geração tolerância. *Veja*, 12 de maio de 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120510/geracao-tolerancia-p-106.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2011.

²⁹ SOBOTTKA, Emil A. A lógica dos movimentos homossexuais e a igreja. In: WEINGAERTNER, Martin (Org.). *Igreja e homossexualismo*. Curitiba, PR: Encontro Publicações, 2000, p. 41.

³⁰ Maiores informações podem ser encontradas na obra de Joe Dallas, um ex-ativista e praticante homossexual. Cf. DALLAS, Joe. *A operação do erro: o movimento gay cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

uma dessas atitudes com um período específico da história da igreja, pois elas foram concomitantemente exercidas em diferentes épocas e variados contextos geográficos. Por outro lado, é verdade que em alguns momentos uma ou outra dessas condutas se tornou mais evidente.

A aversão de alguns cristãos, os erros preconceituosos e até violentos em relação aos homossexuais são naturalmente explorados pelos defensores da homoafetividade.³¹ As pesquisadoras Maria D. Campos Machado e Fernanda D. Piccolo lembram que essa atitude, inclusive, foi retratada em uma das novelas brasileiras na qual um personagem evangélico “demonstrava grande intolerância com os homossexuais e chegou a agredir fisicamente um casal de gays em um dos capítulos”.³² O posicionamento de repulsa por parte de alguns cristãos ao comportamento homoafetivo é também denunciada por Ivaldo Gitirana, que se apresenta como o pastor presidente da Comunidade Família Cristã Athos, uma igreja inclusiva, ao afirmar conhecer muitos que foram oprimidos e execrados em igrejas cristãs.³³ O próprio Joe Dallas, conquanto reprove o movimento homossexual nos círculos evangélicos, condena a atitude de muitos líderes cristãos que preferem atacar o caráter dos homossexuais e criar uma caricatura extremista deles ao invés de lhes apresentar a mensagem real do evangelho.³⁴

O fato é que alguns cristãos, movidos por zelo desprovido de entendimento e compaixão, acabaram elegendo a prática homossexual como o “pecado imperdoável”. No entanto, as Escrituras deixam claro que o “pecado imperdoável” é a blasfêmia contra o Espírito Santo (cf. Mc 3.28-29). Além do mais, o apóstolo Paulo faz referência a alguns membros da igreja de Corinto que antes da conversão haviam sido efeminados e sodomitas, mas foram lavados, santificados e justificados em o nome do Senhor Jesus (cf. 1Co 6.9-11). Logo, a odiosidade ao homossexual acaba sendo fruto de uma leitura defeituosa dos ensinamentos bíblicos.

Com respeito à omissão cristã em relação à homossexualidade, ela ocorre por meio de dois fatores antagônicos: a passividade na acomodação cultural e a falta de participação em projetos que visam o auxílio, a conversão e a

³¹ Cf. MOTT, Luiz. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Papyrus, 1988; também, *Nefandos pecados: a perseguição aos homossexuais mostrada em processos movidos pela Inquisição e o culto ao machismo são comuns no Brasil desde os tempos da colônia*. *Nossa História* 8 (junho 2004): 28-32.

³² A referência é a um personagem da telenovela *Duas Caras*, transmitida no primeiro semestre de 2008 em horário nobre na Globo. Cf. MACHADO, Maria das Dores Campos et al. Introdução. In: MACHADO, Maria D. C.; PICCOLO, Fernanda D. (Orgs.). *Religiões e homossexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 25.

³³ GITIRANA, Ivaldo. Prefácio. In: FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e homossexualidade: verdades e mitos*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010, p. 7.

³⁴ DALLAS, Joe. *A operação do erro: o movimento gay cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 227-232.

restauração de homossexuais. Joe Dallas faz referência a alguns líderes que se recusam até mesmo a discutir a questão homossexual por acreditar que esse assunto logo cairá no esquecimento. No entanto, ele lembra que se a influência da igreja como sal da terra e luz do mundo fica enfraquecida, tanto a igreja como a cultura na qual ela se encontra sofrem as consequências.³⁵ Talvez seja por essa razão que em um período tão curto de tempo a homossexualidade, antes praticamente concebida como pecado ou desvio moral, recebe hoje o status de opção sexual normal, merecedora de proteção legal e divulgação pública. Em uma de suas reflexões sobre o assunto, o pastor cristão José Rude Walzburger admite: “Como pastor, muitas vezes me pergunto se não ‘passo ao largo’, como o fizeram o sacerdote e o levita na parábola do bom samaritano”.³⁶

Há que se observar ainda a omissão expressa na falta de auxílio àqueles que dedicam tempo e talento no auxílio e evangelização de homossexuais. Uma das reclamações comuns dos grupos cristãos que atuam nesse ministério é exatamente a indiferença de grande parte da liderança eclesiástica em relação a esse trabalho. João L. Santolin, coordenador do MOSES – Movimento pela Sexualidade Sadia –, afirma que “a discriminação e rejeição de alguns líderes fecharam a porta a qualquer possibilidade de diálogo com homossexuais que buscam ajuda”.³⁷ Além do mais, há até algumas críticas veladas no meio cristão àqueles que se dedicam ao ministério de evangelização de homossexuais. Certamente essa atitude também possui raízes no desconhecimento dos princípios bíblicos.

Mais recentemente, o cristianismo mundial, e a igreja evangélica brasileira em particular, manifesta alguns sinais de mudança no seu comportamento em relação aos homossexuais. Pode-se afirmar que, em alguns casos mais recentes, a característica cristã marcante em relação a eles é de compaixão. Exemplos a esse respeito podem ser encontrados no trabalho de instituições cristãs como Exodus Brasil, Abraceh, MOSES, Ministério Hesed e outros. Pode-se dizer que ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas alguns passos firmes já estão sendo tomados nessa direção.

Se a atitude dos cristãos em relação aos homossexuais expressa sinais de mudanças que vão da aversão à compaixão, o posicionamento e atitude dos homossexuais em relação aos cristãos também mudou. De forma mais óbvia, os homossexuais mudaram de perseguidos a praticamente perseguidores, visto que a pressão por eles imposta sobre a igreja cristã pode ser tão intensa que

³⁵ Ibid., p. 34 e 43.

³⁶ WALZBURGER, José Rude. Experiências no aconselhamento pastoral. In: WEINGAERTNER, Martin (Org.). *Igreja e homossexualismo*. Curitiba, PR: Encontro Publicações, 2000, p. 49.

³⁷ SANTOLIN, João L. A igreja e os homossexuais: da omissão à compaixão. *Revista Cristã* 16 (junho 2003), s.p., e JUSTINO, Rozangela Alves. Os movimentos pró-gay e neonazista. *Ultimato* (set.-out. 2003): 32-34.

mais parece uma perseguição. Os cristãos são frequentemente acusados de homofobia – sentimento de repugnância ao homossexualismo. Os militantes pró-gays insistem em que a intolerância anti-homossexual tem suas raízes alicerçadas quase que somente na tradição judaico-cristã.³⁸ Além do mais, a igreja é denunciada como a principal responsável por obrigar os homossexuais a viver na clandestinidade.³⁹ Há, inclusive, vários casos de indiciamento de algumas pessoas físicas e jurídicas de convicção cristã que trabalham com a evangelização dos homossexuais.⁴⁰

A atitude dos homossexuais para com os cristãos não consiste apenas nas estratégias de pressão social e política, mas também inclui a confrontação filosófica e teológica. Sob a premissa de que se pode fazer uma síntese de homossexualismo e cristianismo, ativistas homossexuais e alguns religiosos se agruparam, organizaram denominações e desenvolveram uma teologia: a “teologia gay”.⁴¹ Diante dos argumentos religiosos pró-homossexuais, alguns cristãos, em um esforço de se apresentarem compreensivos, tolerantes, amorosos e livres de preconceitos, passaram a reconhecer e até defender a homossexualidade como uma opção individual. Observando essa nova inclinação da igreja, Joe Dallas adverte: “Há uma tendência estranha infiltrando-se na igreja: a ‘simpatia’ está tendo precedência sobre a verdade”.⁴² Nem mesmo o pentecostalismo, considerado um ramo conservador do cristianismo protestante, deixou de ser influenciado por essa propensão.⁴³ O predomínio da teologia gay nos círculos cristãos é suficiente para justificar um estudo mais aprofundado sobre esse assunto no futuro.

A teologia gay tornou-se uma força propulsora na confrontação religiosa dos homossexuais ao cristianismo. Ela apresenta algumas variantes, mas parece estar sistematizada ao redor de três argumentos principais: o hermenêutico, o teológico e o ético. Dentre os seus representantes mais influentes se encontram John Boswell,⁴⁴ Robin Scoogs,⁴⁵ John J. McNeill,⁴⁶ Jeff Miner e John Tyler

³⁸ Cf. MOTT, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988.

³⁹ MOTT, Nefandos pecados, p. 30.

⁴⁰ Cf. FAGGION, *Parada dura*, p. 42-49.

⁴¹ DALLAS, *A operação do erro*, p. 84-113.

⁴² *Ibid.*, p. 161.

⁴³ Cf. NATIVIDADE, Marcelo. Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções. *Religião e Sociedade* 23 (julho 2003): 132-152.

⁴⁴ BOSWELL, John. *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

⁴⁵ SCOOGS, Robin. *The New Testament and Homosexuality*. Filadélfia: Fortress Press, 1983.

⁴⁶ McNEILL, John J. *The Church and the Homosexual*. Boston: Beacon Press, 1988, e *Taking a Chance on God: Liberating theology for gays, lesbians, and their lovers, families, and friends*. Boston: Beacon Press, 1996.

Cannoley,⁴⁷ Daniel A. Helminiak⁴⁸ e outros. No Brasil, alguns postulados da teologia gay são especialmente propagados pelo antropólogo Luiz Mott.⁴⁹ No que diz respeito à importância dessa teologia para o movimento pró-homossexual, tem-se afirmado que ela representa para este o mesmo que os credos de Atanásio e Nicéia representam para as principais confissões protestantes.⁵⁰

A compreensão dos postulados da teologia gay implica na atenção à premissa básica de cada um deles. Com respeito ao argumento hermenêutico, a principal tese defendida pelos teólogos do homossexualismo é que a Bíblia, quando corretamente traduzida e interpretada, não condena a homossexualidade, mas apenas os abusos ocorridos nessa área.⁵¹ Assim como ocorre com outros desvios doutrinários, essa abordagem está relacionada com a autoridade e a interpretação das Escrituras. Como um estudo mais aprofundado demonstra, ao invés de as pressuposições teológicas emanarem de uma interpretação sólida, a leitura da Bíblia é moldada pelos pressupostos dos defensores dessa teologia. A questão, portanto, é fundamentalmente hermenêutica. Isso leva alguns oponentes dessa teologia a lamentarem o fato de que “os homossexuais e seus defensores têm cometido uma tremenda injustiça contra alguns personagens bíblicos... Eles mancham o nome e o caráter de alguns dos mais notáveis vultos da história bíblica, ora com maliciosas sugestões ora com declarações absurdas”.⁵² Dessa forma, a acomodação cristã do homossexualismo exige a relativização das verdades bíblicas e, por fim, o abandono da crença na inspiração e autoridade da Escritura.

Além da proposta de uma releitura hermenêutica da Bíblia, os teólogos pró-homossexualidade ainda apresentam um argumento religioso fundamentalmente alicerçado na teoria da causalidade inata. De acordo com essa perspectiva, o próprio Deus teria criado as pessoas com inclinações e interesses homossexuais e, portanto, o homossexualismo é um dom divino que deve ser celebrado. O escritor e pastor homossexual Mel White, por exemplo, descreveu

⁴⁷ MINER, Jeff; CANNOLEY, John Tyler. *The Children Are Free: reexamining the biblical evidence on same-sex relations*. Indiana: Jesus Metropolitan Community Church, 2002.

⁴⁸ HELMINIAK, Daniel A. *What the Bible Really Says About Homosexuality*. San Francisco: Alamo Square Press, 1994.

⁴⁹ Apud SANTOLIN, João L.; VIULA, Sérgio; SEVERO, Marcos. Teologia gay. *Defesa da Fé* (maio 2000): 47-57, p. 47; ROMUALDO, F. Deus, Bíblia e homossexualidade. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/homossexualidade>. Acesso em: 12 fev. 2004.

⁵⁰ DALLAS, *A operação do erro*, p. 106.

⁵¹ PERRY, Troy. *Don't Be Afraid Anymore*. Nova York: St. Martin's Press, 1990, p. 39; WHITE, Mel. *Stranger at the Gate*. Nova York: Simon and Schuster, 1994; SCOOGS, Robin. *The New Testament and Homosexuality*. Filadélfia: Fortress Press, 1983; KIRK, Marshall; MADSEN, Hunter. *After the Ball: How America will conquer its fear of gays in the 90s*. Nova York: Doubleday, 1989.

⁵² CÉSAR, Elben M. Lenz. A Bíblia não é um “closet vazio” a respeito da homossexualidade. *Ultimato* nº 284 (set.-out. 2003), p. 25.

sua primeira experiência homossexual como uma dádiva de Deus.⁵³ Assim, o homossexualismo não é interpretado como uma opção comportamental, mas como uma imposição biológica, uma característica fundamental à humanidade de algumas pessoas. A expressão homossexual, portanto, deve ser vista como algo totalmente coerente com a natureza dessas pessoas. No esforço de comprovar essa tese, os defensores da teologia homossexual recorrem ao cientificismo e a diversas teorias da existência do gene gay.

No que diz respeito ao argumento ético, os teólogos homossexuais afirmam que o amor homoerótico monogâmico é poderoso o bastante para legitimar a prática homossexual. A força desse argumento pode ser exemplificada na observação do jornalista Sérgio Gwercman: “Se você entende o casamento como a união de dois pombinhos que dormem na mesma cama todas as noites, se amam, dividem as contas, são fiéis, moram sob o mesmo teto, brigam com certa regularidade para depois fazerem as pazes, então o casamento gay já existe”.⁵⁴ Por meio de um estudo de caso envolvendo o homossexualismo e a religiosidade, Marcelo Natividade concluiu que, para alguns religiosos, o maior problema da homossexualidade é “a dificuldade de encontrar um parceiro sincero e fiel”.⁵⁵ Isso ilustra o fato de que para muitos, inclusive em círculos cristãos, um relacionamento estável é considerado como uma evidência da bênção de Deus. Assim, a teologia gay interpreta o amor homoerótico como um fator de legitimação da prática homossexual.

Há que se notar ainda que, devido à sua frágil realidade teológica, a igreja evangélica brasileira é, frequentemente, vítima de várias incursões de modismos em seu meio. Como no caso de outros povos latino-americanos, o brasileiro gravita ao redor da cultura norte-americana e facilmente importa as novas ondas culturais e religiosas dos Estados Unidos. Além do mais, o avanço da globalização e a influência da mídia reduziram o mundo a uma aldeia e as novas correntes teológicas são facilmente incorporadas à agenda de discussões religiosas do brasileiro. Dessa forma, não é de se estranhar que os argumentos de vários defensores da aprovação social do homossexualismo no Brasil reflitam os pressupostos da teologia pró-homossexual especialmente sistematizada por teólogos de outros países.

Também, o fato de grande parte da argumentação teológica pró-homossexual vigente no Brasil ainda ser produto de importação não impede o crescente interesse e abertura a esses postulados, inclusive por parte de alguns representantes do protestantismo histórico. Um claro exemplo disso ocorreu durante as palestras da teóloga Marcella Althaus-Reid a convite da Universidade Metodista

⁵³ WHITE, *Stranger at the Gate*, p. 132-133.

⁵⁴ GWERCMAN, Sérgio. Casamento gay. *Super Interessante* 202 (julho 2004), p. 49.

⁵⁵ NATIVIDADE, *Carreiras homossexuais*, p. 133.

de São Paulo. Naquela ocasião, a palestrante expôs a tese de seu livro *Indecent Theology* (Teologia indecente),⁵⁶ no qual ela contesta a teologia heterossexual da Bíblia. Além do mais, ao refletirem sobre os avanços da teologia gay no Brasil, João Luiz Santolin e Sergio Viula demonstram como até os escritos de militantes gays não-cristãos refletem os argumentos teológicos encontrados nas obras de John Boswell, John McNeill e Daniel A. Helminiak.⁵⁷

Não bastasse a confusão gerada pela apresentação de seus argumentos nem os ataques à fé cristã histórica, os defensores da teologia gay ainda podem tirar proveito da contribuição involuntária da igreja evangélica contemporânea. Em alguns círculos evangélicos, o homossexualismo é simplesmente “percebido como uma intervenção do maligno sobre a vida do indivíduo”.⁵⁸ Nesses casos, a única ação terapêutica a ser tomada é o exorcismo nos cultos específicos de libertação. Outros exemplos de equívocos como esses poderiam ser multiplicados, mas o fato é que a igreja brasileira, em várias ocasiões, se revela despreparada para lidar com os assuntos relacionados à prática homossexual. Sempre que a igreja confessa crer na possibilidade do perdão para qualquer pecado, mas demonstra, na prática, desacreditar da possibilidade da restauração dos homossexuais, ela oferece uma grande contribuição aos teólogos e ativistas gays. Os membros de igrejas que lutam contra tendências homossexuais são prontamente arrebanhados pelo movimento gay cristão mediante a apresentação de suas supostas bases bíblicas para a prática homoafetiva.⁵⁹ Em consequência, aumenta o número de denominações com princípios homossexuais e a pressão por mudanças nas constituições eclesiásticas ou princípios doutrinários das igrejas protestantes históricas é intensificada.

Certamente, o tema homossexualidade continua a desafiar a igreja evangélica a elucidar sua posição teológico-ética sobre o assunto, bem como a aperfeiçoar sua prática pastoral e missiológica. A reação dos apologetas da posição tradicional cristã quanto ao assunto tem sido diversificada e, em alguns casos, até confusa.⁶⁰ Por exemplo, em um ensaio sobre igrejas e homossexualidade,

⁵⁶ ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology: Theological perversions in sex, gender and politics*. London/New York: Routledge, 2000.

⁵⁷ SANTOLIN, VIULA e SEVERO, Teologia gay, p. 47-57.

⁵⁸ NATIVIDADE, *Carreiras homossexuais*, p. 133.

⁵⁹ Um exemplo claro a esse respeito pode ser encontrado no relato biográfico do conferencista Joe Dallas em seu livro *A Operação do Erro*.

⁶⁰ DALLAS, *A operação do erro*; PINTO, Carlos Oswaldo; SAYÃO, Luiz Alberto T. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae* (março 1995): 43-70; DRAKEFORD, John W. *A Christian View of Homosexuality*. Nashville, TN: Baptist Sunday School Board, 1977; BERGLER, Edmund. *Homosexuality: disease or way of life?* Nova York: Hill and Wang, 1956; COMISKEY, Andrew. *Pursuing Sexual Wholeness*. Lake Mary, FL: Creation House, 1989; CASTILHO, Lísias N. *Homossexualidade*. São Paulo: ABU, 1989; STOTT, John R. W. *Grandes questões sobre sexo*. Niterói: Vinde, 1993, e NAVES, FERNANDES e STEFANO, O arco-íris e a cruz.

o teólogo luterano Gottfried Brakemeir propõe-se a fazer uma análise “balanceada”, mas conclui o seu trabalho defendendo a homossexualidade como uma orientação válida até mesmo para pessoas ordenadas ao ministério da Palavra.⁶¹ Há que se notar também que a literatura conclamando a igreja à sua responsabilidade evangélica em relação aos homossexuais é relativamente pequena.⁶²

Em resumo, o panorama religioso com respeito à temática da homossexualidade continua revelando confusão e desorientação. Certamente por isso, o debate social, acadêmico, político e religioso continuará fermentando reflexões futuras.⁶³

3. PONDERAÇÕES PRELIMINARES PARA O CRISTIANISMO CONSERVADOR

De fato, uma análise diacrônica das últimas conquistas do movimento homoerótico evidencia que esse “fato social” (evocando Durkheim) representa o vigor de uma revolução em atividade no mundo contemporâneo, especialmente no Ocidente. Em outras palavras, o que ocorre nesse contexto não é apenas uma “mudança”, mas uma intensa “revolução moral”. A diferença entre esses dois fenômenos é cuidadosamente explicada por Albert Mohler da seguinte maneira:

Mudança moral geralmente ocorre durante um longo período de tempo, de uma maneira consistente com os pilares morais estabelecidos na cultura que a abriga. Todavia, a *revolução moral* apresenta o oposto exato desse padrão. Logo, o que experimentamos no momento não é o desenvolvimento lógico da influência do cristianismo cultural sobre a sexualidade humana, mas o total repúdio desses princípios que estruturam a sociedade ocidental.⁶⁴

Dessa maneira, qualquer instituição, crença ou indivíduos que representam obstáculos a esse movimento revolucionário é visto como um obstáculo a ser derrotado, removido e obliterado. O cristianismo conservador e bíblico é interpretado por esse movimento como um dos principais obstáculos a ser atacado.

⁶¹ BRAKEMEIR, Gottfried. Igrejas e homossexualidade: ensaio de um balanço. Disponível em: <http://www.swbrazil.anglican.org/brakemeir.htm>. Acesso em: 10 fev. 2004.

⁶² DALLAS, Joe. *Desires in Conflict*. Eugene, OR: Harvest House, 1991; HOWARD, Jeanette. *Out of Egypt*. Tunbridge Wells, Inglaterra: Monarch, 1991; DAVIS, Bob; RENTZEL, Lori. *Deixando o homossexualismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

⁶³ Cf. PEREIRA, Fabiano. Religião e homossexualidade: O desafio da bênção religiosa sobre a união homoafetiva entre casais homossexuais que se declaram evangélicos. Trabalho de conclusão do curso de teologia, Universidade Metodista de São Paulo, novembro de 2013; ALLBERRY, Sam. *Is God Anti-Gay? And other questions about homosexuality, the Bible, and same-sex attraction*. United Kingdom: The Good Book Company, 2013.

⁶⁴ MOHLER, Albert. *We Cannot Be Silent: speaking truth in a culture redefining sex, marriage, and the very meaning of right and wrong*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2015, p. 7.

O esforço de refletir sobre as oscilações culturais relacionadas à homossexualidade pode ser um exercício alarmante e até desanimador para o cristianismo conservador. Isso se deve principalmente ao fato de que a Bíblia, a revelação de Deus para o cristão, é hoje desprezada como fonte legítima de qualquer assunto, principalmente aqueles que dizem respeito às escolhas morais das pessoas. Todavia, algumas ponderações precisam ser feitas a fim de se recobrar os ânimos, exercer firmeza e compaixão, e ainda representar corretamente Aquele de quem o cristão é um embaixador no mundo atual (2Co 5.20).

Primeiramente, é necessário lembrar que o cristianismo surgiu e floresceu em um ambiente antagônico aos seus pressupostos. Alguns cristãos parecem crer que o sucesso e continuidade do cristianismo depende de sua aceitação social e cultural. Todavia, isso nunca ocorreu. Desde o início da era cristã “a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19). Lembrar essa verdade é importante para prevenir o desânimo e o alarme diante de uma cultura que parece celebrar valores contrários àqueles ensinados pelo cristianismo através dos séculos. Na verdade, o sucesso e avanço da fé cristã no mundo sempre foi e será um milagre divino.

Dessa maneira, os avanços do movimento pró-gay não deveriam alarmar, assustar e nem desencorajar os cristãos a continuarem expressando o posicionamento bíblico sobre o assunto. Certamente é necessário aprimorar a forma de se apresentar a verdade, ou seja, com amor (Ef 4.15), mas nunca se furtar de manter a verdade por causa do medo ou do temor da rejeição.

Em segundo lugar, no debate cultural entre fé cristã e homossexualidade é preciso distinguir diferentes tipos de envolvimento pessoal com esse comportamento. Há aqueles que são ativistas políticos do movimento GLBT. Esses são dinâmicos em prol da “imposição” dos direitos da minoria a toda a sociedade, agindo ao ponto de desrespeitar quaisquer direitos daqueles que não concordam com eles. Os ativistas organizam passeatas, manipulam a influência midiática, atuam como lobistas em ambientes partidários e são criativos em recrutar a opinião social para sua causa. Esses defensores da comunidade gay geralmente são intolerantes em relação ao contraditório.

Porém, nem todo homossexual é ativista. Há aqueles que praticam a homossexualidade sem levantar a “bandeira de um movimento”. Muitos desses se sentem seguros na comunidade homossexual porque é a única comunidade acolhedora que conhecem. Além do mais, há aqueles que se identificam como homossexuais por causa de suas raízes e laços relacionais com outros homossexuais. Nesse sentido, Rosaria C. Butterfield, uma ex-militante lésbica, convertida à fé cristã, relata o seu diálogo com alguém identificado como “B”, que protestava pela mudança ocorrida na vida de sua amiga. Naquele momento, Rosária perguntou a “B” como ele sabia que era gay, ao que “B” respondeu: “Rosaria, eu sou gay porque a comunidade GLBT é o único lar seguro que

tenho, um lar que você tornou seguro. Como você pode não saber disso?”⁶⁵ Dessa forma, nem todo praticante é um militante convicto.

Além do mais, há aqueles que sofrem com os impulsos homossexuais, mas não se entregaram às suas práticas. Assim como um heterossexual pode ter impulsos sexuais pecaminosos que nunca serão atendidos (adultério, fornicação, etc.), também é possível que muitos que sofrem com suas tendências homossexuais nunca cedam a elas. Essas pessoas devem ser alvos da compaixão cristã, antes que de condenação. Por outro lado, muitos podem ceder à prática não por convicções íntimas e refletidas, mas pelo próprio modismo que as circunda. O slogan “o mundo é gay” acaba influenciando alguns a pensarem e agirem como se o comportamento homossexual fosse não apenas aceitável, mas desejável. Nesse panorama, alguns jovens são incentivados a pensar que a experiência homossexual é a “moda do momento” e sem refletir profundamente sobre a veracidade dessa “onda”, acabam assumindo uma identidade em busca de aceitação. Por essa razão, alguns estudos recentes focalizam especialmente na questão da “política de identidade” homossexual.⁶⁶

Por fim, há aqueles que sofrem e se entristecem com o seu relacionamento familiar e afetivo com alguém na prática da homossexualidade. Pais e mães são especialmente afetados não apenas pelo comportamento de seus filhos, mas pelas acusações e depreciação aos seus filhos. O testemunho cristão a essas pessoas implica na encarnação da misericórdia de Cristo para com o que sofre e se angustia por alguém que ama.

Em terceiro lugar, é mister considerar que o pior pecado do homossexual, assim como o do heterossexual, não é a imoralidade, mas a incredulidade. Qualquer pessoa se compromete com a imoralidade por causa de sua impiedade, ou seja, a incredulidade e rejeição aos padrões do Criador. Quanto a isso é importante que os cristãos se recordem da história bíblica do profeta Jonas. Ao receber a ordem de Deus de ir e pregar à grande cidade de Nínive, o profeta se recusou e tentou fugir de Deus tomando um caminho oposto àquele que lhe fora ordenado (Jn 1). Aparentemente a recusa de Jonas se deveu ao fato de ele julgar os ninivitas imorais e violentos (Jn 4). O que o profeta não considerou foi que a imoralidade daquele povo era causada por sua incredulidade e não vice-versa. Assim, todas as vezes que tentamos impor ou defender normas morais divinas sem considerar a necessidade de conversão ou comunhão com Deus por parte daquele que haverá de obedecer tais normas, contrariamos os próprios desígnios divinos.

Ainda a esse respeito, a história de Rosária é profundamente ilustrativa. Mesmo em seu comprometimento com o lesbianismo, inclusive compartilhando

⁶⁵ BUTTERFIELD, Rosária C. *Pensamentos secretos de uma convertida improvável*. Brasília: Editora Monergismo, 2013, p. 87.

⁶⁶ BULK, Denny; LAMBERT, Heath. *Transforming Homosexuality*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2015.

a vida com uma parceira, Rosária não se via como cometendo qualquer ato imoral. Em sua perspectiva, ser moral era ser honesta e ela estava sendo coerente com suas crenças e práticas.⁶⁷ Somente quando compreendeu que o seu problema principal era a incredulidade e rebeldia foi que Rosaria viu sua necessidade de arrependimento, ou seja, a mudança do seu *habitus*, o estilo de vida, hábitos da mente, do coração e do espírito.⁶⁸ Todo cristão verdadeiro deve se lembrar de que há uma diferença entre compartilhar o evangelho com os perdidos e procurar impor um padrão moral bíblico sobre inconversos.

Em quarto lugar, aqueles cristãos que são tentados a ceder às pressões culturais, muitas vezes imaginando ser essa uma luta inglória ou até mesmo que a normalização equivale à aceitação, devem considerar que a rendição do cristianismo à cultura nunca foi a solução. Alguns parecem conformados com um tipo de “cristianismo cultural” a fim de manter sua relevância na sociedade contemporânea, esquecendo-se de que a mensagem cristã sempre foi contra-cultural. Além do mais, Albert Mohler corretamente afirma que “o problema do ‘cristianismo cultural’ está no fato de que a cultura sempre predomina sobre a firmeza cristã”.⁶⁹ Assim, a condescendência de algumas denominações com o movimento inclusivista não produz solução, mas apenas intensifica a confusão nesse assunto.

Finalmente, os cristãos carecem de honestidade e coragem para admitir que suas fraquezas e falhas no testemunho cristão acabam contribuindo para a deterioração da sociedade contemporânea. Por exemplo, Albert Mohler defende que não foram os homossexuais que originalmente promoveram a falta de credibilidade em relação ao casamento. Ao contrário,

... a abdicação evangélica da responsabilidade sobre o divórcio armou o palco para a perda da credibilidade em questões relacionadas à sexualidade e ao casamento. Na verdade, a igreja contemporânea possui enorme responsabilidade por sua falta de credibilidade em tópicos relacionados ao “ensinamento claro da Bíblia” sobre o casamento.⁷⁰

Além do mais,

heterossexuais fizeram um excelente “desserviço” em menosprezar o casamento antes mesmo de as forças culturais começarem a pressionar em prol da normatização dos relacionamentos homossexuais e do casamento entre pessoas do mesmo sexo.⁷¹

⁶⁷ BUTTERFIELD, *Pensamentos*, p. 25.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 51, 58, 69.

⁶⁹ MOHLER, *We Cannot Be Silent*, p. 25.

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ *Ibid.*, p. 31.

Infelizmente, quando os cristãos se esquecem de “ornarem a doutrina” (Tt 2.10) pela prática diária e comum, a sociedade se recusa a dar ouvidos à sua pregação, por mais eloquente que ela possa parecer.

Certamente seria possível listar outras ponderações com respeito a esse assunto. No futuro, será necessário considerar a maneira, às vezes desastrosa, como os cristãos apresentam a mensagem do evangelho aos homossexuais. Todavia, as limitações de espaço e tempo impedem que o mesmo seja feito neste artigo.

CONCLUSÃO

O propósito deste artigo foi contribuir para uma melhor compreensão dos avanços do movimento em defesa da homossexualidade na sociedade contemporânea, bem como as etapas e métodos aplicados nessa revolução. Para tanto, o artigo se propôs a realizar uma análise diacrônica do movimento e ao final apontou algumas ponderações relevantes à prática cristã conservadora. No futuro, outros estudos deverão ser realizados sobre essa questão que certamente ocupa o centro do palco nos debates sociais.

ABSTRACT

Homosexuality is a fiercely debated issue in contemporary society, being among the main subjects that polarize Christian opinion. In recent years, individuals, institutions, corporations, and specially the churches are being judged according to their beliefs about homosexuality. However, this was not always the case. How this change came about? The answer to this question requires a diachronic study of recent developments in society and church, as well as some preliminary considerations on the current moral revolution. The aim of this article is to meet such need.

KEYWORDS

Homosexuality; Moral change and revolution; Gay theology; Religiosity; Christianity and culture; Truth and compassion.